



Revista
Educar Mais

Sofrimento psíquico entre estudantes: a abordagem dos técnicos e dos docentes em uma instituição federal de educação profissional e tecnológica

Psychological suffering among students: the approach of technicians and teachers in a federal institution of professional and technological education

Sufrimiento psíquico entre estudiantes: el enfoque de los técnicos y los docentes en una institución federal de educación profesional y tecnológica

Jonis Manhaes Sales Felipe¹  • Eliane Antunes Marinho do Prado² 

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar de que forma se dá a abordagem do sofrimento psíquico presente entre estudantes no âmbito do IFFluminense campus Cabo Frio, especialmente no que tange à atuação docente. Utilizou-se uma metodologia de pesquisa de campo, associando a aplicação de um questionário online aos professores e a realização de entrevistas presenciais com os profissionais técnicos envolvidos com o atendimento multiprofissional de saúde mental. Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da estatística descritiva, quando quantitativos, e em categorias, quando qualitativos. Para o tratamento e a compreensão dessas informações qualitativas, utilizou-se os fundamentos da análise de conteúdo (organização, codificação e categorização). Os resultados da pesquisa mostraram que os docentes, embora sejam majoritariamente egressos de licenciaturas, possuem dificuldades na identificação e abordagem da questão, o que pode estar levando a um processo de invisibilização dos casos.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica; Sofrimento Psíquico; Saúde mental na escola.

ABSTRACT

This study aims to investigate how the approach to psychological suffering among students occurs at the IFFluminense Cabo Frio campus, especially regarding the role of teachers. A field research methodology was used, associating the use of an online questionnaire with the teachers and conducting face-to-face interviews with the technical professionals involved in the multiprofessional mental health care. The collected data were organized and analyzed through descriptive statistics, when quantitative, and through categories, when qualitative. To process and understand this qualitative information, the fundamentals of content analysis (organization, coding, and categorization) were used. The research results showed that the teachers, although largely graduates of teaching degrees, have difficulties in identifying and addressing the issue, which may be leading to a process of invisibility of cases.

Keywords: Professional and Technological Education; Psychological Suffering; Mental Health in School.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar de qué forma se aborda el sufrimiento psíquico presente entre estudiantes en el ámbito del IFFluminense campus Cabo Frio, especialmente en lo que concierne a la actuación docente. Se utilizó una metodología de investigación de campo, asociando la aplicación de un cuestionario online a los profesores y la realización de entrevistas presenciales con los profesionales técnicos involucrados

¹ Doutor em Políticas Sociais e Professor da área de Educação no Instituto Federal Fluminense (IFF), Rio de Janeiro/RJ – Brasil. E-mail: jonisfelippe@gmail.com

² Licenciada em Pedagogia, Graduada em Psicologia, Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Fluminense (IFF), Rio de Janeiro/RJ – Brasil. E-mail: antuneseliane67@gmail.com

con la atención de salud mental. Los datos recolectados fueron organizados y analizados mediante estadística descriptiva cuando eran cuantitativos, y en categorías cuando eran cualitativos. Para la comprensión de esta información cualitativa, se utilizaron los fundamentos del análisis de contenido (organización, codificación y categorización). Los resultados de la investigación mostraron que los docentes, aunque sean mayoritariamente egresados de licenciaturas, tienen dificultades en la identificación y abordaje de la cuestión, lo que puede estar llevando a un proceso de invisibilización de los casos.

Palabras clave: Educación Profesional y Tecnológica; Sufrimiento Psíquico; Salud mental en la escuela.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de campo que teve como objetivo investigar a seguinte questão: De que forma se dá a abordagem do sofrimento psíquico presente entre estudantes no âmbito do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense) campus Cabo Frio, especialmente no que tange à atuação docente? Nesse sentido, academicamente, o presente trabalho se mostra relevante porque permite uma análise concreta sobre a forma como os profissionais, em especial os professores, lidam com essa temática e o quanto se sentem ou não preparados para identificar e atuar com alunos em situação de sofrimento psíquico. Dados do presente estudo tendem, portanto, a contribuir para a reflexão sobre a formação de professores, destacadamente os que atuam na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Quanto à relevância social, o estudo dá ênfase à temática da saúde mental nas escolas, pois o adoecimento psíquico é uma realidade cada vez mais comum na sociedade contemporânea, principalmente entre os jovens. A OMS (2022) estima que cerca de centenas de milhões de pessoas sofrem de doenças psíquicas como a depressão no mundo inteiro, patologia que acomete significativamente a população jovem entre 10 e 19 anos de idade, fase da vida em que os jovens estão cursando os Ensinos Fundamental e Médio.

De acordo com Santos e Siqueira (2010, p. 2), as doenças psíquicas estão associadas a comprometimentos de diversas ordens: biológica, social, psicológica, genética, física ou química. Considera-se também que o atual cenário mundial da pós-pandemia do Covid-19 ampliou o surgimento de casos de pessoas sofrendo de diversos transtornos psíquicos, conforme destacado por Schmidt (2013). Sobre esse ponto, Ribeiro e Macedo (2018) consideram o sofrimento psíquico como um conjunto de sentimentos ou emoções desagradáveis e/ou desconfortos psicológicos que interferem nas ações cotidianas do sujeito, mas ressaltam “que o sofrimento psíquico é essencial e inerente ao ser humano, se constrói e se expressa nas relações” (RIBEIRO; MACEDO, 2018, p. 4). Portanto, trata-se de uma questão que faz parte da vida, o que não significa que não mereça atenção e intervenção, uma vez que se trata de um sofrimento que pode trazer consequências graves.

Sobre a presença desse tema na escola, Paixão, Parias e Dell’aglio (2018) também reforçaram que os jovens em idade escolar têm sido afetados pelo sofrimento psíquico, por se tratarem de sujeitos sociais que estão muito suscetíveis nesta etapa da vida, devido as mudanças de diversas ordens, principalmente cognitivas, sociais e afetivas, o que tem como consequência a possibilidade de passarem por problemas emocionais e de autoestima. Esses processos podem resultar do fato de sentirem que seus corpos, cabelos, rostos etc. não se adéquam a determinados padrões de beleza considerados desejáveis.

Da mesma forma que as diferenças étnicas, em função do preconceito e da discriminação social, podem também ser a fonte de sofrimento e desconforto. Este conjunto de variáveis capazes provocar situações de sofrimento psíquico entre os sujeitos jovens foi tematizado por diversas fontes bibliográficas consultadas para a realização do presente trabalho, como o Atlas das Juventudes (BARÃO et. al., 2021).

Paixão, Parias e Dell'aglio (2018) explicam ainda que, durante este período da vida, a juventude se expõe a emoções pouco conhecidas e ainda não experimentadas, como aquelas que derivam dos vínculos de namoro ou da conquista de um primeiro posto de trabalho. É ainda neste momento de suas trajetórias que os jovens são impactados pela pressão de questões nem sempre fáceis, como aquelas ligadas à expressão e à vivência da sexualidade, além das escolhas de uma profissão, de uma formação específica em nível superior, de posicionamentos políticos, religiosos e assim por diante.

Nessa direção, a formação do professor precisa ser vista como algo permanente, já que o domínio dos conhecimentos específicos da disciplina lecionada não é suficiente para o exercício da docência. Diversos de autores (CHARLOT, 2005, NÓVOA, 2009; GATTI, 2008 e 2010) reforçam essa constatação e ressaltam que ser professor exige estar sempre complementando e atualizando seus saberes, em constante processo de formação continuada. Na EPT essa seria uma questão ainda mais sensível, pois alguns dos professores sequer possuem formação inicial como licenciados.

Dessa maneira, espera-se que este trabalho possa contribuir para o debate acerca da importância da formação continuada dos professores e demais profissionais que atuam na EPT, inclusive porque os seus resultados motivaram elaboração de um produto educacional denominado "Como abordar estudantes em situação de sofrimento psíquico nas escolas" (PRADO; FELIPPE, 2023), no formato de cartilha e de acesso livre. Acredita-se que os resultados também servirão de ponto de partida para novos trabalhos em outros contextos educacionais, segmentos e modalidades de ensino.

De modo a dar conta das pretensões ora enunciadas, o artigo encontra-se dividido em 4 seções, além da introdução. A primeira descreve brevemente os caminhos metodológicos traçados para a coleta e a análise dos dados, com a especificação dos instrumentos de coleta utilizados e variáveis de investigação que sustentaram a elaboração dos mesmos. A segunda e a terceira seções apresentam a análise das informações da pesquisa, respectivamente as etapas desenvolvidas com os técnicos (assistente social e psicóloga) e professores. Por último, são apresentadas as considerações finais.

2. METODOLOGIA

A presente investigação foi realizada por meio de entrevistas com técnicos envolvidos com o atendimento multiprofissional de saúde mental e questionários aplicados com professores. Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da estatística descritiva, quando quantitativos, e em categorias, quando qualitativos. Para o tratamento e a compreensão dessas informações, utilizou-se os fundamentos da análise de conteúdo (organização, codificação e categorização).

Com os profissionais técnicos, assistente social e psicóloga, aplicou-se o instrumento de entrevistas presenciais não-estruturadas na modalidade focalizada, onde "há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal" (LAKATOS;

MARCONI, 2003, p.197). Desta maneira, foram abordadas as seguintes variáveis: I - Quais os tipos de demandas mais comuns; II - Os encaminhamentos recebidos que partem diretamente dos alunos; III - Quais profissionais que mais encaminham alunos aos setores; IV- O perfil socioeconômico dos alunos que recebem atendimento do setor; V - As características gerais dos alunos que recebem atendimento, como por exemplo: gênero, raça, idade; VI - Qual a recorrência dos atendimentos realizados; VII - Necessidade de atendimentos externos; VIII - Quais interlocuções e os tipos de assistência realizados com os professores; IX - Relatos mais frequentes dos professores em relação à temática.

Com relação aos docentes, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, utilizando o google forms e contatos eletrônicos e telefônicos, para chamada à participação, como meio para alcançar o maior número possível de docentes. Para estes profissionais foram utilizadas as seguintes variáveis: I - Experiência profissional como professor, em especial na EPT; II - O itinerário formativo dos profissionais para serem docentes, em especial na EPT; III - Relatos de contato com casos de alunos em sofrimento psíquico na sala de aula; V - Iniciativas tomadas pelo professor quando identifica situações de sofrimento psíquico; IV - Percepções acerca da própria preparação para identificar e encaminhar o aluno em (possível) sofrimento psíquico; V - Participação em cursos de formação continuada sobre saúde mental nas instituições escolares; VI - Interesse em participar de algum curso de capacitação sobre saúde mental nas instituições escolares.

Os dados encontrados da pesquisa de campo foram analisados pelas técnicas já descritas e, com a finalidade de facilitar a apresentação e a compreensão das informações, a apresentação dos mesmos foi subdividida neste trabalho, iniciando pelas entrevistas com os técnicos. Em seguida são apresentados os dados dos professores e feitas as confrontações entre respostas dos dois segmentos.

3. AS ENTREVISTAS COM OS TÉCNICOS

O assistente social foi entrevistado em 22/04/2022 e quis iniciar a entrevista apresentando a amplitude do IFFluminense campus Cabo Frio que atende aos municípios de: Armação dos Búzios, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia, Araruama, Iguaba Grande, Arraial do Cabo e Rio das Ostras. O campus oferece os cursos técnicos em Química, Hospedagem, Cozinha, Eventos e Eletromecânica, que são integrados com o ensino médio, e ainda o técnico em Química subsequente (pós-médio) ou concomitante ao médio em outra instituição. O campus oferece ainda cursos de nível superior: três licenciaturas - em Biologia, em Química e em Física; Engenharia Mecânica; Tecnólogo em Hotelaria e Tecnólogo em Gastronomia. Segundo o profissional, a instituição atende a uma média de 800 a 1000 alunos que estão aos poucos retornando no pós-pandemia, já que antes de 2020 possuía quase 1.500 alunos.

O assistente social atua no IFFluminense há onze anos. Ao falar sobre como têm ocorrido os fatos relacionados ao sofrimento psíquico no campus Cabo Frio, o entrevistado informou que tais demandas costumam ser encaminhadas ao setor de qualidade de vida. Entretanto, alguns encaminhamentos são realizados por meio do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE). Neste caso, embora os fatores motivadores do encaminhamento sejam as dificuldades de aprendizagem, no fluxo do processo, muitas vezes se desvela que há alguma forma de sofrimento psíquico que se desencadeou como uma das consequências da dificuldade de aprendizagem. Nesses casos, os técnicos de ambos os setores buscam uma atuação conjunta.

Levando em consideração essas duas “portas de entrada” para a atenção em saúde mental oferecida no IFFluminense, no caso do setor de qualidade de vida, o assistente social informou que, antes da pandemia da Covid-19, as ocorrências de maior relevância na instituição manifestavam-se por meio de crise de ansiedade, “choros, medos, e sintomas correlatos”. Segundo o técnico, a equipe realiza o acolhimento do estudante e o próximo passo é convocar o/a responsável (quando menor de idade), de modo a verificar se o aluno em questão já usufruiu de algum tipo de acompanhamento profissional.

No setor de qualidade de vida, a equipe é formada atualmente por uma psicóloga, uma enfermeira, um assistente social, uma nutricionista e um assistente em administração (coordenador). No NAPNE, trabalham uma pedagoga, um técnico em assuntos educacionais e a psicóloga (coordenadora).

O assistente social esclareceu que, em geral, são os próprios alunos que buscam auxílio, geralmente para algum colega que manifestou crise na instituição, podendo ocorrer encaminhamentos provenientes de professores ou coordenadores. No entanto, segundo pondera o entrevistado, encaminhamentos de docentes raramente acontecem. O assistente social informou que não possui dados atualizados sobre a incidência dos atendimentos.

Na sequência da interlocução, o profissional informou que, quando o aluno chega ao setor, procura-se saber se já há algum tipo de acompanhamento ou tratamento em curso e como tem sido o andamento do trabalho. Caso não haja, busca-se realizar encaminhamento para serviços públicos. A instituição criou um guia que fica disposto em QRcode para que o aluno possa conhecer um pouco sobre o que sente e sobre as formas de procurar ajuda em setores da saúde pública que possam acolhê-los (ambulatórios e CAPs). O guia foi pensado pela psicóloga como uma proposta de autocuidado.

Na instituição há um trabalho chamado Trabalho de Orientação em Saúde, que é divulgado para que os alunos possam levar suas demandas. Após o momento inicial da escuta, avalia-se a necessidade de fornecer orientações e, quando se percebe que há necessidade, faz-se um encaminhamento para atendimentos mais específicos, conforme mencionado anteriormente. Apesar disso, vale ressaltar que não há uma rede de diálogo estabelecido entre as equipes do IFFluminense e os profissionais que atendem nos setores da saúde pública. O entrevistado comenta, ainda, que não existe um canal direto entre o IFFluminense e essas instituições públicas, ocorrendo que nem sempre há bons resultados quando os encaminhamentos são feitos.

O entrevistado estima, uma vez que não possui dados sistematizados atuais, que a maior parte dos estudantes que chega ao setor possui entre 14 e 17 anos. Em geral são alunos de ensino médio, integrado ou concomitante ao curso técnico. Prossegue indicando que não há a predominância de um dos gêneros. Quanto à raça/etnia, afirma que não possui este registro, como também não há o perfil socioeconômico dos estudantes atendidos. Quanto à recorrência dos sintomas ou queixas, o entrevistado relatou que durante o ano de 2019 houve um aumento significativo da demanda, mas não sabe indicar números precisos. Segundo informou, houve muitos casos de alunos com ideação suicida e também casos recorrentes de alunos com crises de ansiedade em casa e também na instituição.

Em relação às interlocuções desses setores de atendimento aos alunos com os professores, o entrevistado informou que há casos que interferem no desempenho e na participação do aluno na sala de aula, o que leva os professores a serem chamados para conversar com a equipe, de modo que haja uma interação em prol dos melhores resultados a favor do bem-estar e da permanência do

estudante. Os professores participam do atendimento, algumas vezes, fornecendo relatórios que permitem realizar apreciações mais completas sobre as necessidades dos discentes. Os professores também são procurados quando precisam ser informados sobre dificuldades de frequência dos alunos.

O assistente social afirmou que recentemente os professores têm, eventualmente, trazido relatos sobre sintomas ou queixas que podem indicar sofrimento psíquico, tais como: isolamento; infrequência; choros constantes. Há, ainda, situações em que os estudantes revelam suas queixas aos seus professores, os quais orientam a buscar o setor.

Uma observação a ser destacada é o fato de que, segundo avalia o assistente social, a comunidade escolar ainda não conhece muito bem sobre o papel do psicólogo dentro da instituição, pois acreditam que o tratamento será feito por esse profissional dentro do IFFluminense, quando, na verdade, o que se pode oferecer é um acolhimento do estudante por meio de uma escuta qualificada e, eventualmente, indicação para tratamento externamente.

A primeira escuta é feita em equipe e, conforme o caso, pode ocorrer de um dos técnicos se encarregar dos próximos passos. Comenta que não se tem, ainda, meios para garantir que haja feedback para a instituição, quando ocorrem encaminhamentos a setores da saúde pública, implicando que dificilmente se tenha informações sobre o desfecho dos casos. É importante ressaltar que, neste ponto, há divergência de informação entre os dois profissionais entrevistados, pois, como será visto adiante, a psicóloga informou que existe feedback sobre os encaminhamentos realizados aos setores da saúde pública.

Para complementar as informações sobre a atuação técnica na instituição, realizou-se a entrevista com a psicóloga, em 2 de março de 2023. A profissional atua há seis anos com psicologia escolar e há quatro no IFFluminense. Ao relatar sobre os tipos de questões que afetam os alunos que chegam ao setor, afirmou que há casos de ideação suicida, depressão, bem como conflitos de gênero e sexualidade. Seu depoimento repete a narrativa do assistente social no tocante ao fato de que a maior parte dos estudantes chega ao setor por vias próprias, sendo raramente encaminhados por docentes ou coordenadores. Santos e Gondim (2021, p. 95), ao analisarem as publicações que abordam a importância dos professores e professoras no relacionamento com seus alunos e alunas em sofrimento psíquico, informam que:

A literatura analisada demonstrou que o professor lida quase que diariamente com demandas advindas dos seus alunos, seja de cunho educacional ou emocional, tentando conduzir da melhor forma possível, diante das possibilidades do contexto. Porém, os estudos apresentados nesta revisão abordam as contribuições da relação professor-aluno nos cuidados referente ao adoecimento psíquico infanto-juvenil de uma forma abrangente, havendo lacuna no que diz respeito aos elementos específicos dessa relação que precisa ser preenchida por estudos futuros. Ainda assim, os estudos demonstram que essa relação é significativa e que o professor pode ser visto como uma figura importante no suporte à promoção da saúde mental dos educandos.

Destaca-se, portanto, a constatação de que os/as docentes podem ser fonte de apoio e referência junto aos alunos acometidos por problemas em sua saúde mental, o que leva a seguinte indagação: Quais seriam as possíveis razões do fato de que os alunos do IFFluminense *campus* Cabo Frio chegam aos setores de orientação e apoio por iniciativa própria, e não encaminhados ou acompanhados por seus professores e professoras? Os desdobramentos da presente pesquisa, conforme será visto adiante ao se analisar os resultados das respostas dos professores, permitem apontar como principal

razão a carência de acesso a informações qualificadas sobre o assunto, durante a formação inicial e continuada.

Retomando os depoimentos da psicóloga, geralmente os professores são convocados a participar do processo de atendimento aos alunos, mediante a expectativa de que o docente seja a referência para o aluno e, quando possível, acompanhe os desdobramentos dos casos de seus alunos fora da instituição, devendo fornecer alguma forma de *feedback*. A psicóloga complementa dizendo que ainda não se possui um formulário de encaminhamento.

Cabe refletir aqui sobre o fato de que, embora os professores possam atuar de modo diferenciado, apoiando seus alunos em situação de sofrimento psíquico, a partir do momento em que adquiram mais conhecimento, isto não significa que se deva lançar sobre eles responsabilidades que extrapolam os contextos da sala de aula e do ambiente escolar. O processo de encaminhamento, acompanhamento e *feedback* sobre o andamento e desfecho dos casos cabe aos profissionais habilitados para isso, que atuam em equipe multidisciplinar nos setores de orientação e atendimento já citados.

A entrevistada comentou que percebeu uma queda nas demandas dos estudantes durante 2020 e 2021, que atribui à questão da Covid-19. Por outro lado, tanto a psicóloga quanto a pedagoga estavam usufruindo de licença-maternidade até poucos meses antes da entrevista o que, segundo seu entendimento, levou os estudantes a não saberem mais a quem procurar para verbalizar suas queixas, uma vez que, em geral, chegam ao setor pedindo diretamente para falar com o Psicólogo. Comenta:

Percebo aqui que há um vácuo, porque não está claro a quem procurar, (no setor), não está estabelecido este fluxo, e isso se perde. E, no momento, com o retorno da psicóloga, estão voltando a procurar, porém lentamente... não digo que os casos acabaram, apenas não estão sabendo muito bem onde procurar (Entrevistada – psicóloga).

Quanto ao perfil dos alunos que recebem atendimento do setor por demandas de sofrimento psíquico, confirma-se que são os jovens entre 14 a 17 anos, mas não há observações específicas sobre gênero e raça/etnia. Já em relação ao perfil socioeconômico dos atendidos, informou que os estudantes do IFFluminense, de um modo geral, possuem rendas familiares entre um e um e meio salário-mínimo *per capita*, o que é considerado público para o atendimento da assistência estudantil (BRASIL, 2010).

Segundo observa a psicóloga, concordando com os relatos do assistente social, a maior incidência de atendidos provém dos cursos de nível médio, em especial dos alunos do primeiro e do segundo ano. Todavia, acredita que o atendimento pode não exprimir a totalidade das necessidades, pois acredita que os demais alunos podem não buscar ajuda. A ausência de dados disponíveis sobre os atendimentos realizados aparece também nas colocações da psicóloga. Entretanto, segundo sua percepção e experiência, em quase 100% dos casos recomenda-se encaminhamento a setores da saúde pública, mais especificamente aqueles direcionados à atenção básica de saúde ou ao CAPS. Neste ponto, o depoimento da psicóloga diverge do assistente social, na medida em que ela informa haver um bom relacionamento com os profissionais que atuam na rede externa, que os encaminhamentos são realizados via “ficha” e que os profissionais do IFFluminense acompanham.

Quando foi perguntada sobre algum tipo de assistência aos professores, a psicóloga afirmou que ainda precisa acontecer, e que considera essa ação ainda superficial, pois não consegue fazer as intervenções que considera necessárias. Isto aconteceria pela necessidade de se dividir entre o NAPNE, que atende alunos com deficiência e/ou transtornos globais de desenvolvimento, e ainda dar

conta dos alunos e professores que eventualmente procuram orientações. Sobre os alunos em sofrimento psíquico, informou que o comentário mais comum dos professores é a presença de alunos hipermedicados.

A entrevistada compartilha a reflexão e a preocupação com o fato de que são apenas 8 psicólogos para atender todos os *campi* do IFFluminense (total de 12 *campi*). Somente no *campus* Cabo Frio são cerca de 1000 alunos e apenas 1 psicólogo para atender a todas as demandas. Complementa dizendo que percebe que os professores chegam muito afoitos e desesperados com as situações, embora não percebam que a própria instituição pode contribuir para o deslanchar do adoecimento psíquico.

Muitos nos procuram porque o aluno não avança na aprendizagem e apresenta saúde mental debilitada, porém não avaliam e/ou analisam seu trabalho e o vácuo de comunicação entre aluno e professor! A carga horária é absurda, recebem alunos cotistas (negros, índios e trans), mas na verdade não existe uma real abertura por parte de todos... não pode resistir abertamente a isto e querem que o psicólogo dê conta (Entrevistada – psicóloga).

Dificuldade similar foi encontrada na aplicação dos questionários junto aos professores, uma vez que a pesquisa precisou contatar os professores de nove a dez vezes para conseguir que o questionário da pesquisa fosse respondido por uma parcela representativa, tendo encontrado bastante resistência. Nessa mesma linha, a entrevistada comentou:

Há aí uma dualidade, pois, questionam sempre que não há ação da saúde mental e, quando se deparam com uma pesquisa que irá trazer benefícios para eles e suas ações, não valorizam. A escola não vai dar conta dos problemas que são estruturais, que são econômicos, que são sociais. Mas ela pode interferir no simbólico, no campo da educação para cidadania, que isso fortalece o sujeito, interferir na educação e saúde. Já há um projeto nesta área dentro do *campus*, e pode frear todo esse processo que a instituição escolar promove como meio de sofrimento psíquico e se colocar como promotora de saúde (Entrevistada – psicóloga).

Finaliza-se a exposição analítica das entrevistas, reafirmando que de fato é bastante controverso que os professores tantas vezes se mostrem arredios em participar de determinadas discussões e processos acadêmicos de pesquisa. No caso específico da temática do sofrimento psíquico, embora tenha ocorrido bastante dificuldade para se obter as respostas dos docentes, ao mesmo tempo, eles próprios afirmaram ter grande interesse em participar de atividades de capacitação para que venham a ganhar mais informações e mais propriedade no trato com os alunos em situação de sofrimento psíquico, conforme já foi comentado.

4. AS PERCEPÇÕES, A FORMAÇÃO E AS AÇÕES DOCENTES NA IDENTIFICAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Os dados coletados com a aplicação dos questionários e expostos nesta seção foram organizados e analisados por meio da estatística descritiva, quando quantitativos, e em categorias, quando qualitativos, utilizando os fundamentos da análise de conteúdo (organização, codificação e categorização). Como a abordagem da temática tem um caráter eminentemente qualitativo, buscando captar as percepções e sentidos construídos pelos docentes em relação ao tema do sofrimento psíquico entre os alunos, não há uma preocupação central com a questão amostral.

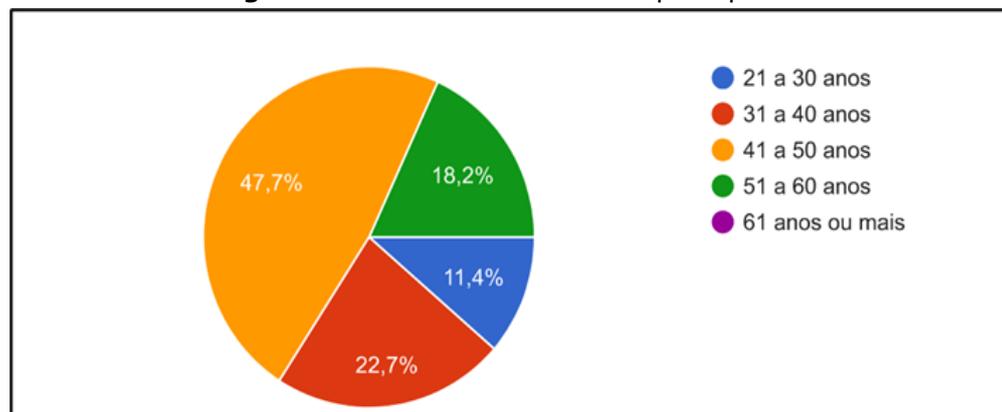
Os dados quantitativos referem-se mais ao perfil profissional e acadêmico dos docentes e a recorrência de queixas e sinais por eles identificados entre os alunos, o que não necessariamente corresponde à recorrência de casos de sofrimento psíquico, o que mereceria uma pesquisa específica e com outra metodologia.

Para a aplicação deste questionário, todos os professores e professoras atuantes na instituição em foco foram contatados através de e-mail institucional, ou seja, um total de oitenta (80) profissionais. Inicialmente, os pesquisadores buscaram contato com as coordenações dos cursos para criarem juntos estratégias de acesso aos professores, momento em que imaginaram o e-mail como o melhor recurso para atingir o maior número de participantes. As mensagens solicitando-lhes a colaboração para a execução da pesquisa foram reenviadas por quatro vezes por esse meio de comunicação. O "QRCode" que dava acesso ao questionário também foi afixado no mural da sala dos professores e nos corredores mais do *campus*.

Em um segundo momento, foram feitos contatos com os docentes via aplicativo *WhatsApp* com auxílio das coordenações dos cursos e da servidora do setor de comunicação do *campus*. Uma pesquisadora também compareceu pessoalmente cerca de dez vezes na instituição, permanecendo na sala dos professores para explicar sobre a pesquisa e solicitar a contribuição dos docentes, tendo em vista alcançar o maior índice de participação possível. O questionário esteve disponível para acesso na plataforma *google forms* durante noventa dias.

Quarenta e quatro (44) docentes responderam ao questionário, o que representa 55% do universo investigado. A maioria (52%) se identificou como pertencendo ao sexo feminino e 47% como do sexo masculino. Em relação à idade, a faixa etária de 41 a 50 anos foi a que mais concentrou os professores que participaram da pesquisa. Cabendo observar que não ocorreram respondentes com mais de sessenta anos.

Figura 1: Faixa etária dos docentes participantes



Fonte: dados da pesquisa (2022).

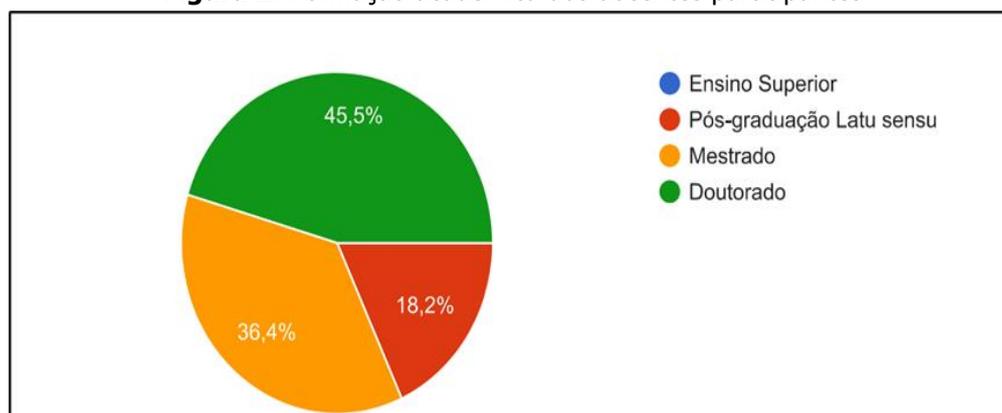
Quanto à formação em nível de graduação, a maior parte dos professores é graduada em cursos superiores de Licenciatura (66%), estando os bacharéis numa posição minoritária (35%) entre os participantes. Esse resultado chama atenção e precisa ser destacado pelo fato de que traz dados diferentes para o campo pesquisado, que são capazes de oferecer uma visão diversa daquela que tem sido majoritariamente identificada pela literatura voltada à investigação sobre a formação de professores para a EPT. Destaca-se que tem sido recorrente entre os pesquisadores reportar que a maioria dos docentes atuantes na EPT são egressos de bacharelados (CARVALHO; SOUZA, 2014; OLIVEIRA; SILVA, 2012; MOURA, 2008).

Deve-se ponderar que isso pode significar a detecção de uma diferença específica do campo pesquisado, ou seja, o *campus* Cabo Frio. Também seria possível inferir uma mudança de perfil do professorado da EPT atuante no IFFluminense, mas essas hipóteses, no entanto, não podem ser confirmadas a partir dos dados alcançados na presente pesquisa, podendo tornarem-se objetos de

investigações futuras, uma vez que nem todos os professores do *campus* responderam ao questionário e não houve definição de amostragem estatística pelo próprio perfil da pesquisa. Comentários complementares sobre este aspecto da formação inicial e continuada dos docentes serão feitos mais adiante.

Dando continuidade à descrição do questionário aplicado, além da graduação, os professores, em maioria, possuem títulos de mestrado e/ou doutorado, sendo apenas 18,2% do total aqueles que possuem como pós-graduação apenas cursos de especialização *lato sensu*.

Figura 2: Formação acadêmica dos docentes participantes

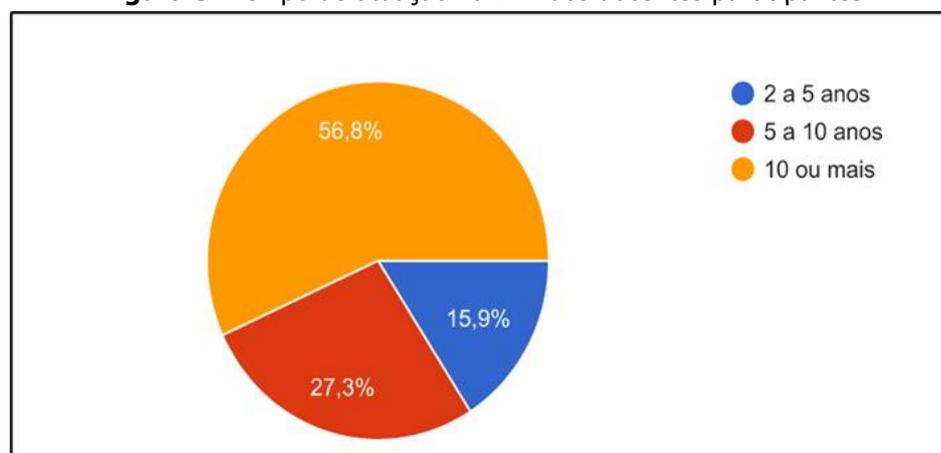


Fonte: dados da pesquisa (2022).

A formação continuada em nível de pós-graduação também é uma temática que vem sendo abordada por Gatti (2008; 2010) ao destacar uma amplitude de possibilidades para a efetivação da continuidade do processo de atualização de saberes por parte dos profissionais docentes, embora isso não venha sendo feito de fato em relação ao ensino, pois tais cursos estariam focados apenas na formação para a pesquisa. Além disso, outras reflexões foram feitas a partir do trabalho de Moura (2008), especialmente quando é apontada a necessidade de maiores investimentos em políticas de educação que venham a propiciar formações específicas para atuação na EPT.

A maior parte dos docentes que colaboraram com a pesquisa atua na Educação Profissional e Tecnológica há mais de dez anos. Menos de 30% estão neste segmento de ensino entre cinco e dez anos, enquanto apenas 16% estão atuando nele entre dois e cinco anos.

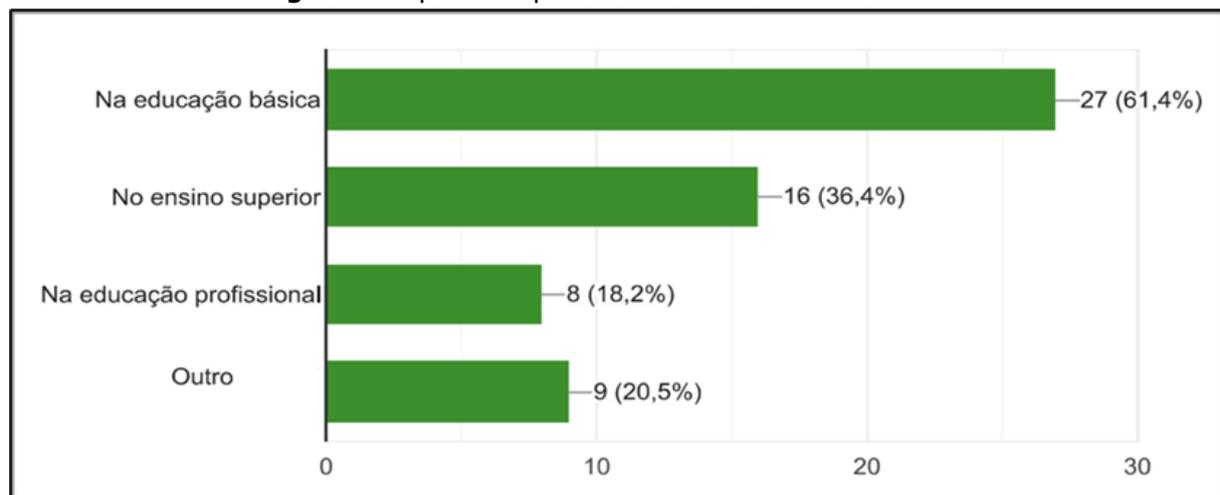
Figura 3: Tempo de atuação na EPT dos docentes participantes



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Antes de trabalharem no IFFluminense, estes professores atuavam majoritariamente na Educação Básica, seguida do Ensino Superior. Menos de 20% atuaram em cursos de Educação Profissional antes e pouco mais de 20% relatam outras experiências profissionais. Registra-se o fato de que um mesmo profissional poderia apresentar dois ou mais tipos de experiências em sua carreira, o que explica a totalização das respostas ultrapassar os 100%: Confirmando as observações feitas na bibliografia consultada, a maioria dos docentes que se engajam na EPT chegam a este segmento educacional sem formação dirigida para tanto e, também, sem ter experiência em magistério nas áreas técnicas e/ou profissionalizantes (CARVALHO; SOUZA, 2014; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

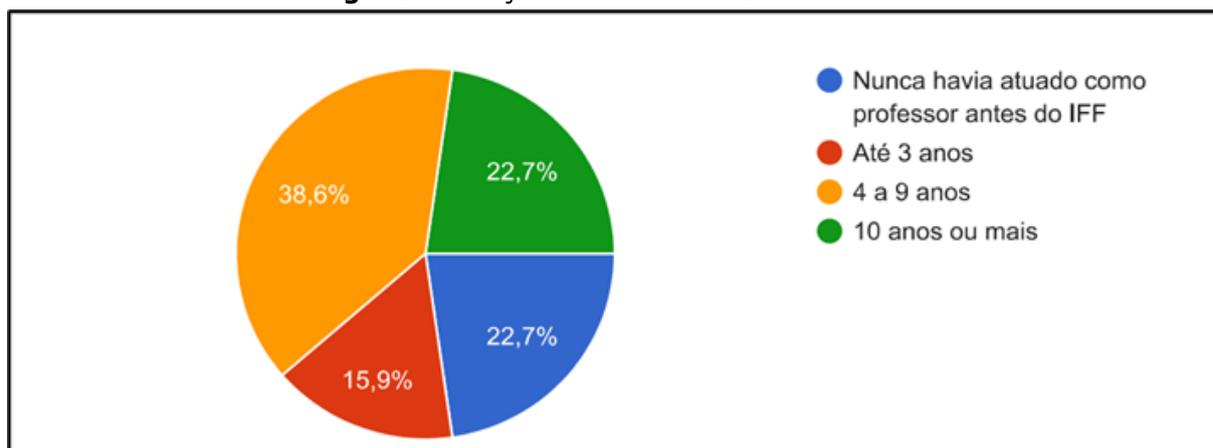
Figura 4: Experiência profissional anterior ao IFFluminense



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Quanto ao tempo de experiência antes de trabalharem no IFFluminense, a maioria revelou que possuía entre quatro a nove anos, seguidos de empate entre aqueles que afirmaram não terem vínculo anterior e os que apontaram mais de dez anos, enquanto que a minoria apontou até três anos de experiência.

Figura 5: Atuação docente fora do IFFluminense

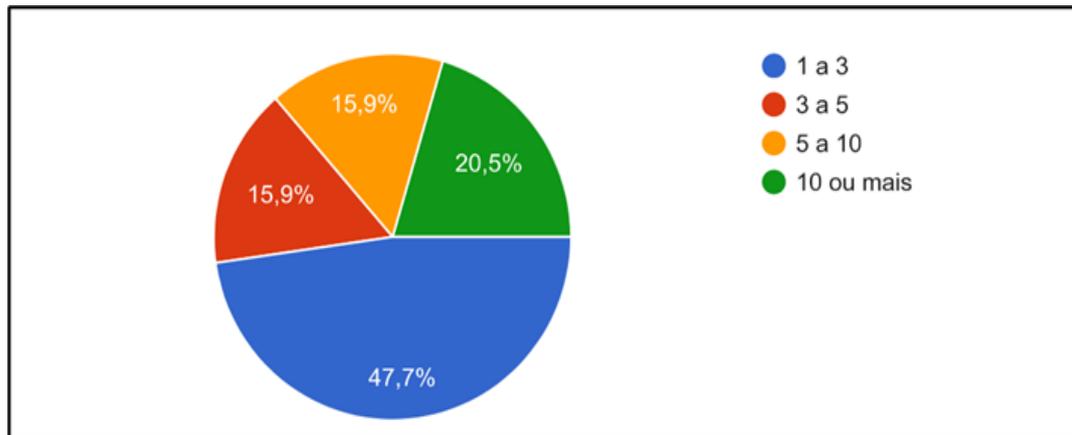


Fonte: dados da pesquisa (2022).

Relativamente à identificação de alunos acometidos de sofrimento psíquico em suas salas de aulas, os docentes afirmaram, majoritariamente, ter identificado de um a três casos durante a trajetória profissional no IFFluminense. Pouco mais de vinte por cento afirmaram já ter identificado mais de dez alunos em tal situação, enquanto que houve empate entre os docentes que afirmam ter

identificado de cinco a dez casos e aqueles que identificaram entre três e cinco situações. Eis a representação figurativa deste resultado:

Figura 6: Quantidade de alunos em sofrimento psíquico identificados pelos docentes



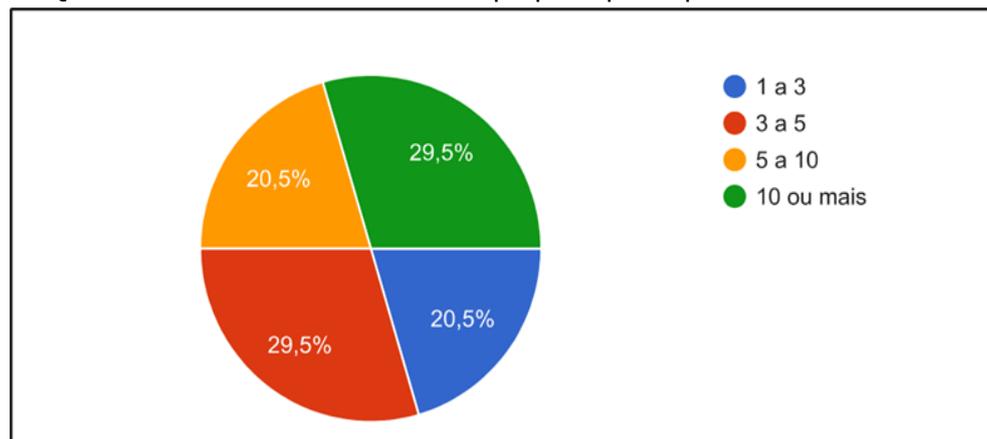
Fonte: dados da pesquisa (2022).

Na figura 6, demonstra-se que os docentes tomam conhecimento dos casos de alunos em sofrimento psíquico, mesmo quando não ocorrem em suas classes. Quase 30% afirmaram já ter ocorrido isso de três a cinco vezes, e o mesmo percentual já soube da situação em mais de dez casos. Os professores que souberam do problema afetando entre cinco a dez estudantes e os que souberam sobre um a três alunos ficaram igualmente empatados. Esses dados demonstram que há uma recorrência de comunicações sobre essas ocorrências dentro da equipe pedagógica, mesmo que eventualmente não se saiba exatamente como lidar com elas.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), o sofrimento psíquico é muito recorrente entre os jovens. Na mesma linha de pensamento, Paixão, Parias e Dell'aglio (2018) associam esta ocorrência ao fato de que, nesta etapa da vida, o sujeito passa por mudanças cognitivas, sociais e afetivas, estando também mais suscetível a sofrer variações na autoestima. É nesta fase que o jovem experimenta novas emoções: namoros, emprego e, em muitos casos, a tomada de decisão para escolher a profissão a seguir, dentre outras questões definidoras da identidade e das trajetórias pessoais e sociais.

Destaca-se ainda que tanto o assistente social quanto a psicóloga registraram em suas entrevistas a baixa procura de docentes para informar sobre casos de sofrimento psíquico entre alunos, apontando que a maior parte dos atendimentos ocorre por demanda espontânea. Essas informações correlacionadas sinalizam uma provável invisibilidade dos casos de sofrimento psíquico, considerando o extenso tempo de instituição e de experiência dos docentes. Isso pode estar ocorrendo por uma dificuldade dos próprios professores em identificar e/ou abordar alunos nessa situação, uma vez que setenta e sete por cento (77%) afirmaram não ter participado de qualquer formação sobre essa temática nos últimos três anos, sessenta e oito por cento (68%) informaram desconhecer qualquer curso de formação continuada sobre o assunto oferecido pelo IFFluminense e oitenta e quatro (84%) informaram nunca terem tido contato com esse assunto durante a formação inicial como professor.

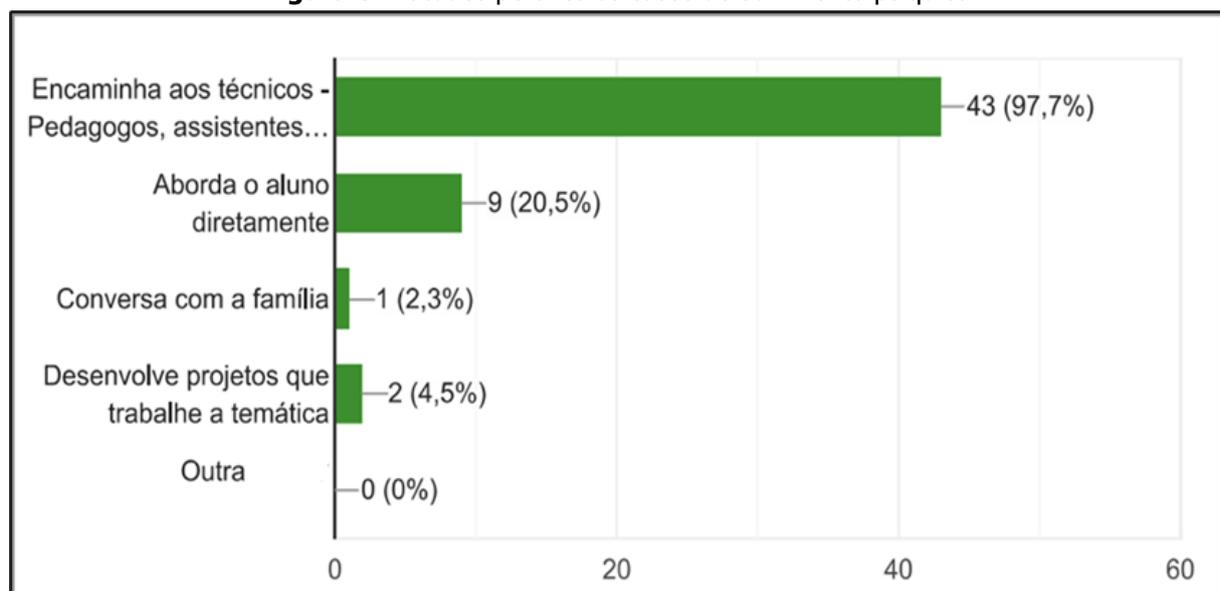
Figura 7: Quantidade de alunos em sofrimento psíquico que os professores tiveram conhecimento



Fonte: dados da pesquisa (2022).

A próxima resposta diz respeito às ações e intervenções do corpo docente quando identificam estudantes em sofrimento psíquico. Assim, quase 100% dizem realizar encaminhamento dos alunos a outros profissionais e cerca de 20% também realizam algum tipo de abordagem direta ao aluno. Conversar com as famílias, desenvolver projetos sobre o tema e outras ações possíveis foram as opções com menores índices de respostas.

Figura 8: Atitudes perante os casos de sofrimento psíquico



Fonte: dados da pesquisa (2022).

As explicações para o estado de vulnerabilidade emocional que afeta a juventude deste momento atual foram registradas por diversos autores, dentre eles Carvalho, Barreto e Rodrigues (2021, p. 154), que descrevem as situações que normalmente afligem os estudantes dos Institutos Federais:

[...] a realidade vivenciada pelos estudantes no ambiente escolar de institutos federais, majoritariamente adolescente, é transversalizada pelos mais variados contextos de vida, estando sujeitos a uma série de riscos vinculados à necessidade de aceitação por grupos de amigos, ao desejo de experimentar diferentes comportamentos, à sensação de onipotência, grandes mudanças corporais, além do início do envolvimento afetivo, do aumento da impulsividade e da busca de sensações novas, a execução de ações de promoção à saúde torna-se imprescindível com a

finalidade não apenas de assegurar seu êxito na formação e sua permanência escolar, mas também como mecanismo para favorecer sua qualidade de vida global.

Nesse sentido, as equipes multiprofissionais que atuam em setores que prestam assistência estudantil, dentro das estruturas administrativas dos IF's, embora estejam normalmente mais focadas na gestão da concessão dos assim chamados "benefícios e bolsas" projetados para fortalecer a permanência dos estudantes, têm sido interpeladas a lidar com alguma forma de atenção à saúde psíquica dos alunos, tendo em vista que isto tem surgido como demanda cotidiana, em diversos *campi*. No *campus* Cabo Frio do IFFluminense isso foi confirmado por meio das entrevistas realizadas com os técnicos que prestam atendimento aos alunos (assistente social e psicóloga). O trabalho de Pessanha, Azevedo e Matos (2021) também mostra o quanto os técnicos têm buscado encontrar caminhos de atuação que os levem a lidar de modo mais afetivo com esta realidade.

Como dito anteriormente, quanto às ações do corpo docente quando identificam estudantes em sofrimento psíquico, noventa e oito por cento (98%) dos professores dizem realizar os encaminhamentos dos alunos a outros profissionais do IFFluminense. Dentre estes últimos, apenas vinte por cento (20%) também realizam algum tipo de abordagem direta ao aluno, o que é um percentual significativamente pequeno. Saber abordar, acolher e escutar os alunos é extremamente importante para o professor, pois ele é o profissional que lida diretamente com os estudantes durante a maior parte do tempo na instituição.

É interessante notar os professores (98%) concordam que o espaço escolar é adequado para os debates e esclarecimentos acerca do sofrimento psíquico. A despeito de que o espaço escolar seja percebido como local em que se faz importante promover diálogos e debates sobre a temática em pauta, quase 80% dos docentes afirmaram que esta oportunidade não tem sido disponibilizada pela instituição e 77% relataram não terem participado de qualquer formação continuada nesse sentido nos últimos três anos.

Ainda quanto à formação, a próxima questão incidiu diretamente sobre a problemática que estimulou a pesquisa em que se baseia o presente artigo, já que indaga sobre a formação inicial desses docentes, buscando saber se a temática do sofrimento psíquico integrou alguma das disciplinas que compõem a matriz curricular dos cursos por eles realizados. As respostas demonstram que, mesmo que a maioria desses professores tenha formação em licenciaturas, ou seja, cursos de graduação que privilegiam currículos que focam na formação para o exercício do magistério, os quais geralmente contam com a disciplina "psicologia da educação", 84% dos docentes não foram apresentados, durante a faculdade, às informações e discussões cientificamente embasadas sobre o sofrimento psíquico e seus impactos sobre a juventude e o cotidiano escolar.

Apesar disso, os resultados revelam que a maioria dos professores demonstra interesse em participar de algum curso que aborde a temática do sofrimento psíquico (84%). Diante da constatação desse interesse, torna-se necessário refletir sobre o que surge como uma aparente incoerência: como compreender que professores se mostrem nitidamente abertos a aprender mais sobre como identificar e lidar melhor com casos de sofrimento psíquico se, no processamento da pesquisa de campo, foram encontradas tantas dificuldades para obter as respostas ao questionário que está sendo analisado?

Acredita-se que uma possível explicação para este descompasso no posicionamento dos professores, ao se recusarem ou demorarem a contribuir com o trabalho, possa ser encontrada na entrevista feita com a psicóloga. Esta profissional problematizou vários aspectos relacionais e pedagógicos

encontrados no cotidiano escolar do IFFluminense *campus* Cabo Frio que, segundo ela, não têm sido considerados como passíveis de produzir casos de sofrimento psíquico no alunado: relações entre alunos e professores nem sempre afetivas e humanizadas; excesso de carga horária; excesso de atividades com prazos curtos de entrega, dentre outras questões.

Em face desse contexto, a profissional entende que tais aspectos da própria realidade escolar da instituição em foco possam ser responsáveis pelos muitos casos de sofrimento psíquico, o que seria ignorado ou escamoteado por grande parte do corpo docente, pela gestão e pelos demais setores. Levando em consideração as ponderações da psicóloga, pode-se entender a resistência em participar de uma investigação científica que possa colocar luz sobre esse problema.

Não se pode ignorar, portanto, que a própria organização escolar configura-se, muitas vezes, como um determinante social para o sofrimento psíquico, em especial, no momento em que individualiza a responsabilidade pelo fracasso escolar no estudante e na família, quando teríamos que lançar luz sobre o fracasso da escola, conforme já salientou Patto (1999). Além disso, pesquisas como as de Dávila-Bacariji et al. (2005), D' Abreu e Maturano (2010) e Ballester (2021) demonstram a influência direta dos conflitos vivenciados no ambiente escolar sobre a aprendizagem e a saúde mental dos estudantes. Portanto, as relações escolares, que incluem o trabalho pedagógico e as interações entre os professores e alunos, interferem diretamente nas condições emocionais e, conseqüentemente, na aprendizagem dos estudantes.

Deve-se, no entanto, destacar que as perguntas propostas no questionário respondido não interpelaram os docentes sobre essa questão. Conforme se pôde acompanhar, no desenvolvimento destas reflexões, tais correlações analíticas foram trazidas à pauta pela psicóloga que atende os estudantes em situação de sofrimento psíquico. Como se trata de uma profissional que atua diretamente com a questão temática da pesquisa, não se poderia deixar de colocar aqui esta contribuição analítica, ao menos enquanto uma hipótese que pode, inclusive, ser aprofundada em investigações futuras.

As demais questões do questionário pediam para que os pesquisados mencionassem livremente as queixas que mais lhes têm sido levadas pelos estudantes. Em seguida, foi solicitado aos professores que apontassem o que lhes parece serem sinais de sofrimento psíquico nas mudanças de comportamento identificadas pelos docentes nos estudantes.

Expõe-se, a seguir, uma breve sistematização das categorias construídas a partir dos resultados obtidos neste bloco do questionário. Será apontado, também, quantas vezes a referida categoria classificatória apareceu nas respostas, em ordem decrescente. Um esclarecimento importante refere-se às noções de *queixa* e de *sinal*. Quando se transpõe essas classificações para o campo da psicologia, pode-se dizer que a *queixa* (ou sintoma) é uma percepção subjetiva apresentada pelo indivíduo, ou seja, depende da verbalização/relato do paciente por meio da qual o profissional de saúde solicita ou realiza exames, avalia e diagnostica (quando necessário). Já os sinais são as manifestações de comportamento observáveis num dado sujeito por uma outra pessoa, no caso em questão os professores. Nota-se que o número de menções é maior do que o número de respondentes, pois vários participantes listaram mais de uma queixa ou sinal. Foi, portanto, a partir desta concepção mais ampla, que se categorizaram as respostas registradas pelos docentes em duas listas, conforme segue:

Quadro 1: Lista de queixas relatados pelos estudantes aos professores

LISTA DE QUEIXAS	QUANTAS MENÇÕES
Dificuldade, desânimo ou desinteresse nas tarefas escolares	12
Ansiedade	9
Dificuldades de comunicação, interação e de relacionamento	9
Cansaço ou sono excessivo	8
Dificuldade de concentração	5
Dificuldade para dormir	3
Sentimento de tristeza	3
Relato de problemas familiares	2
Sentimento de raiva ou irritação	2
Uso de drogas ou remédios	2
Sintomas físicos	2
Sentimento de desespero	1
Vontade de morrer	1

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Quadro 2: Sinais – mudanças de comportamento identificadas pelos professores

LISTA DE SINAIS	QUANTAS MENÇÕES
Isolamento	18
Apatia/desânimo/desinteresse	16
Queda de desempenho ou frequência escolar	12
Choros	7
Ansiedade	6
Irritação/agressividade	6
Dispersão/falta de concentração	5
Tristeza/depressão	3
Comportamento inconstante	2
Cansaço/fadiga	1
Agitação	1
Uso excessivo de mídias sociais	1

Fonte: dados da pesquisa (2022).

É possível observar que o sinal mais identificado pelo professor é o isolamento, com 18 menções. Em seguida aparecem a apatia (16 menções); a queda repentina no desempenho escolar (12 menções); os choros (7 menções); a ansiedade e a irritação/agressividade (6 menções cada); a dispersão e a falta de concentração (5 menções). Há sinais que foram apontados com menor incidência como tristeza, cansaço, comportamento inconstante, por exemplo. Interessante notar que há uma correlação direta entre as *queixas* relatadas pelos estudantes aos professores e os *sinais* por eles percebidos, principalmente nas primeiras categorias dos dois quadros. Nesse sentido, fatores como dificuldades de interação/isolamento, desinteresse/apatia/queda no rendimento e na frequência ganham destaque na identificação de estudantes em sofrimento psíquico.

A literatura que apoiou a presente pesquisa mostrou, em consonância com os resultados aqui analisados, que o sofrimento psíquico é mais recorrente entre os jovens, e que a temática da saúde mental tem surgido como demanda cada vez mais presente no cotidiano escolar, gerando a necessidade de atuação dos psicólogos escolares e das equipes multiprofissionais (BALLESTER, 2021; PESSANHA; AZEVEDO; MATOS, 2021; FATORI *et al*, 2018).

Os sinais e queixas apontados e identificados na pesquisa do IFFluminense *campus* Cabo Frio coadunam-se com as percepções registradas por pesquisadores (D'ABREU; MARTURANO, 2010; D'ÁVILA-BACARJI *et al*, 2005) que constataram o seguinte: quando os jovens estão em estado de sofrimento psíquico, maiores são as chances de se envolverem em conflitos no ambiente escolar cujas consequências recaem sobre a aprendizagem, fato que implicará negativamente nas condições de avanço formativo. Ou seja, as disposições emocionais interferem substantivamente nas capacidades e nas motivações interacionais e cognitivas dos sujeitos afetados.

Retomando aqui a questão da preparação profissional dos professores e professoras para lidarem com a incidência de sofrimento psíquico entre os estudantes, cabe observar que os resultados da presente pesquisa empírica, feita com docentes do IFFluminense *campus* Cabo Frio, mostra que mesmo a maioria dos professores sendo formada em cursos de Licenciatura, ainda assim existem lacunas no processo de formação para lidar com a temática do sofrimento psíquico, seja na formação inicial ou continuada. Nesse sentido, sem a pretensão de dar uma resposta final a questionamentos altamente complexos, a pesquisa demonstrou que, mesmo quando os professores atuantes na EPT são egressos de licenciaturas, não há garantias, no contexto estudado, que saibam lidar melhor no cotidiano escolar com os estudantes em sofrimento psíquico.

Assim, se é verdade que os professores formados sem licenciatura não desenvolveram em seus processos formativos conhecimento e habilidades voltados ao magistério profissional e tecnológico, também é verdade que as licenciaturas parecem não estar sendo capazes de preencher todas as lacunas e necessidades para ser professor (CARVALHO; SOUZA, 2014; GATTI, 2010; MOURA, 2008). Conforme defendido por Gatti (2010), é preciso haver sempre uma continuidade formativa, que venha a responder às necessidades de atualização e de adequação às demandas que surgem em épocas e contextos específicos. Nisso se enquadra a demanda dos professores participantes da pesquisa por processos de capacitação que lhes habilitem a lidar de modo mais adequado e efetivo com os estudantes em situação de sofrimento psíquico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada para a elaboração do presente artigo permite dizer que os professores e professoras pertencentes aos quadros do IFFluminense *campus* Cabo Frio não se mostram preparados para lidar com as situações dos alunos em sofrimento psíquico, quando ocorrem em suas próprias salas de aula, ou nas classes dos colegas, no âmbito do *campus*. Foi constatado, portanto, que existe uma demanda por maior conhecimento sobre a temática do sofrimento psíquico, e que os docentes entendem que o ambiente escolar oferece um cenário favorável a formações, discussões e debates que venham a ampliar os saberes que os capacitem a atuar melhor nesse tipo de situação.

Ao mesmo tempo, esse reconhecimento não se manifestou no engajamento com a pesquisa, pois foram muitas tentativas de contato para conseguir uma participação representativa dos docentes. Esse processo de desengajamento também é percebido pelos técnicos, que apontam o baixo nível de procura e de encaminhamento de alunos pelos docentes. Por outro lado, esses mesmos técnicos apresentam baixa sistematização dos atendimentos e do perfil dos estudantes em situação de sofrimento psíquico no *campus*, o que parece impactar na efetividade dos atendimentos e encaminhamentos.

Do ponto de vista das possibilidades de inovação do conhecimento trazidos pelos achados da pesquisa, é importante mencionar que existe na literatura consultada quase que um “consenso” afirmando que a maioria dos professores atuantes na Educação Profissional e Tecnológica teria como formação inicial apenas os cursos de bacharelado, tecnologia ou técnico; e que poucos docentes nesta modalidade de ensino possuíam formação em licenciaturas. Esta afirmativa não se coaduna com os dados coletados junto aos professores do IFFluminense *campus* Cabo Frio, pois a maior parte dos professores que participaram da pesquisa é composta por licenciados e não o contrário. Trata-se, porém, de um cenário muito específico que não permite generalizações.

Da mesma forma, os dados demonstraram que mesmo os professores licenciados não tiveram acesso adequado às temáticas da saúde mental e do sofrimento psíquico nas escolas durante a sua formação inicial. Essas conclusões, porém, referem-se também apenas ao grupo de professores pesquisado no IFFluminense e devem servir de ponto de partida para novas investigações sobre a formação e a percepção de professores acerca do tema.

Dessa maneira, como devolutiva da presente pesquisa, na perspectiva de oferecer uma contribuição para a formação continuada que prepare os referidos professores para a identificação, o acolhimento e o encaminhamento de situações dessa natureza entre os alunos, os autores deste trabalho elaboraram um produto educacional no formato de cartilha denominada “Como abordar os estudantes em situação de sofrimento psíquico nas escolas” (PRADO; FELIPPE, 2023). O presente documento foi distribuído no IFFluminense e pode ser consultado pelos leitores deste artigo no link disponível nas referências.

6. REFERÊNCIAS

BARÃO, Marcus *et. al.* **Atlas das juventudes:** Evidências para a transformação das juventudes. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/11/ATLAS-DAS-JUVENTUDES-2021-COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 05 de junho de 2023.

BALLESTER, Dinarte Alexandre. **Saúde mental na escola**: resultados preliminares de uma ação entre professores e alunos do ensino fundamental. **Revista Expressa Extensão**. ISSN 2358-8195, v. 26, n. 2, p. 250-259, 2021.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em 20 de março de 2023.

CARVALHO, Olgamir Francisco de; SOUZA, Francisco Heitor de Magalhães. Formação do docente da educação profissional e tecnológica no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº. 128, p. 629-982, 2014.

CARVALHO, Emily Lima; BARRETO, Jussara; RODRIGUES, David. O desenvolvimento da extensão como estratégia de Promoção à Saúde no espaço escolar. In: CARVALHO, Emily Lima; ANJOS, Nívia Barreto dos, (Orgs.). **Assistência estudantil**: as múltiplas interfaces. Curitiba: Appris, p. 153-171, 2021.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

D'ABREU, Lylla Cisne F; MARTURANO, Edna Maria. Associação entre comportamentos externalizantes e baixo desempenho escolar: uma revisão de estudos prospectivos e longitudinais. **Estudos de Psicologia**, v. 15, n. 1, 43-51, 2010.

D'AVILA-BACARJI, Keiko Maly Garcia; MARTURANO, Edna Maria, & Elias, Luciana Carla S. Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n.1, p. 107-115, 2005.

GATTI, Bernadete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37, 2008.

GATTI, Bernadete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Natal, v.1, n.1, <https://portal1.iff.edu.br/o-iff/fluminense/pesquisa/pos-graduacao-stricto-sensu/mestrado-profissional-em-educacao-profissional-e-tecnologica/produtos-educacionais/produto-educacional-pdf-final.pdf> 23-38, 2008.

NÓVOA, A. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Viviane S; SILVA, Rosa F. Ser Bacharel e Professor: dilemas na formação de docentes para a educação profissional e ensino superior. **Holos**. Natal, vol. 2, pp. 193-205, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **World mental health report**: transforming mental for all. Geneva: Who, 2022

PAIXÃO, Raquel Fortini, PATIAS, Naiana Dapieves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Autoestima e Sintomas de Transtornos Mentais na Adolescência: Variáveis Associadas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.34, p. e34436, 2018.

PATTO, Maria Helena S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n.35, p. 167-198, 1999.

PRADO, E. A. M.; FELIPPE, J. M. S. **Como abordar os estudantes em situação de sofrimento psíquico nas escolas**. Campos dos Goytacazes: IFFluminense, 2023. Disponível em: <<https://portal1.iff.edu.br/o-iff luminense/pesquisa/pos-graduacao-stricto-sensu/mestrado-profissional-em-educacao-profissional-e-tecnologica/produtos-educacionais/produto-educacional-pdf-final.pdf>>. Acesso em: 05 de junho de 2023.

PESSANHA Josemara Henrique da Silva; AZEVEDO, Amanda Bersacula de; MATOS, Lenon Araújo de. **Assistência Estudantil e Demandas de atendimento em saúde: construções do Serviço Social no IFFluminense**. In: MORAES, C. A. de S. (Org.). Serviço social e trabalho profissional na área da saúde. Uberlândia: Navegando Publicações, p. 176-188, 2021.

RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil: Conquistas e desafios. **Revista de Ciências Sociais**, DS-FCS, vol. 31, nº 42, pp. 107-126, 2018.

SANTOS, Elem. G., & SIQUEIRA, Marluce. M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 59(3), 238-246, 2010.

SANTOS, Maria Manuela dos; GONDIM, Liberalina Santos de Souza. Contribuições da relação professor-aluno no cuidado à saúde mental de estudantes: revisão da literatura de 2015 a 2020. **Construção psicopedagógica**. São Paulo, v. 30, n. 31, p. 82-100, 2021.

SCHMIDT, Eder. Melancolia, depressão e suas narrativas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 16, n.1 pp. 89-99, 2013.

Submissão: 17/10/2023

Aceito: 16/01/2024